

# WALTER BENJAMIN: UMA VISÃO CRÍTICA DO PROGRESSO E DA TECNOLOGIA

Luiz Antonio da Silva Peixoto

Professor do CEFET - UNED Macaé - Doutorando em  
Filosofia - UFRJ

## ARTIGO

### Resumo

*O pensador alemão Walter Benjamin, influenciado pela tradição romântica, pelo judaísmo e pelo materialismo histórico, elabora uma crítica profunda aos padrões vigentes do progresso técnico e à conseqüente destruição da natureza, que tem um tom profético e uma grande atualidade em nossos dias.*

Escovar a história a contrapêlo: esta proposição, colocada por BENJAMIN (1997) nas *teses sobre a Filosofia da História*, não é apenas uma fórmula retórica, nem uma sutileza literária. Ela resume sua postura diante de sua época, seu estilo de pensamento e sua atitude intelectual e política. Esta atitude constitui um dos aspectos mais essenciais de sua obra, e uma das dimensões que contribuem para sua extraordinária atualidade.

Escovar a história a contrapêlo significa, antes de mais nada, a recusa da ilusão do progresso, isto é, de todas as ideologias e mitos que pretendem domar a história, dando-lhe um sentido acabado e totalizante. Essa crítica do progresso é um tema que atravessa o conjunto da obra de Benjamin e imprime sua marca tanto em seus ensaios teológicos quanto em seus artigos sobre cultura e política. Na verdade, essa problemática não é nova: de origem romântica, ela é partilhada por muitos críticos culturais da modernidade na Alemanha.<sup>1</sup> Mas com Benjamin ela ganha uma qualidade nova, um significado messiânico revolucionário que a distingue radicalmente

do pessimismo conservador reinante na intelectualidade alemã. O caráter revolucionário e utópico de sua crítica da cultura se deve, em parte, à articulação de seu pensamento com o materialismo histórico.

É precisamente em nome do materialismo histórico que Benjamin contesta as doutrinas do progresso ilimitado e contínuo da social-democracia e do stalinismo. À ilusão nefasta de "nadar no sentido da corrente" (o desenvolvimento técnico) contrapõe sua conhecida alegoria do progresso como tempestade que nos afasta do paraíso e como catástrofe permanente que amontoa ruínas.<sup>2</sup> O progresso é fundado na catástrofe, e o inferno não é de modo algum aquilo que nos espera em outra vida, mas sim esta mesma, o atual estado de coisas. Benjamin opõe às ideologias "progressistas" aquilo que ele chama a *teoria crítica da história*, cujo ponto de vista acentua tanto as *regressões* quanto qualquer progresso na história. Ele reconhece que o conceito de progresso pode ter tido uma função crítica em sua origem, mas no século XIX, quando a burguesia conquistou posições de poder, essa função desapareceu; daí a necessidade de submeter o conceito a uma crítica imanente pelo materialismo histórico, cujo conceito fundamental não é o progresso, mas sim a atualização.

Evidentemente, Benjamin não nega que os conhecimentos e as atitudes humanas progrediram; o que ele recusa obstinadamente é o mito, na sua opinião mortalmente perigoso,

<sup>1</sup> Cf. LOWY, Michel. *Romantismo e Messianismo*. p. 35 e seguintes.

<sup>2</sup> BENJAMIN, W. "Teses sobre a Filosofia da História". In: KOTHE, F. (org.). *Walter Benjamin*. pp. 158-159.

de um progresso da própria humanidade que resulta necessariamente das descobertas técnicas, do desenvolvimento das forças produtivas, da dominação crescente sobre a natureza. Longe de conceber – como o marxismo oficial da II e III Internacionais dessa época – a revolução como o coroamento social do progresso técnico e econômico, ele a vislumbrou como interrupção “messiânica” do curso da história, intervenção redentora para arrancar a humanidade da catástrofe que a ameaça permanentemente. Em nosso entender, seria falso ligar essa concepção da história unicamente à conjuntura precisa que Benjamin vivia no final dos anos 30: crescimento irresistível do fascismo, preparação e desencadeamento da guerra mundial. Trata-se antes de uma reflexão fundamental sobre a modernidade, cujas raízes se encontram já nos seus primeiros escritos.

É no contexto geral dessa filosofia da história, fundada na crítica radical das ideologias do progresso que deveríamos analisar as observações de Benjamin sobre o *declínio da experiência* no mundo moderno. A experiência (*Erfahrung*) não se confunde com a experiência vivida (*Erlebnis*): enquanto que a primeira é um traço cultural enraizado na tradição, a segunda situa-se em um nível psicológico imediato, que não tem, de modo algum, a mesma significação. Benjamin define, de forma precisa, o que entende por *Erfahrung*: “A experiência pertence à ordem da tradição, tanto na vida coletiva como na vida privada. Ela se constitui menos de dados isolados, rigorosamente fixados pela memória, que de dados acumulados, quase sempre inconscientes, que nela se concentram”<sup>3</sup>.

A idéia de que a modernidade produz uma degradação ou perda da experiência é uma constante em Benjamin. Segundo ele, o *desencantamento do mundo*, analisado por Weber em relação ao advento da era capitalista, significa o declínio da *Erfahrung* coletiva e a ruptura do “encanto liberador”, em proveito de um novo desencadeamento do pesadelo mítico que destrói a cumplicidade

entre o homem e a natureza. Benjamin vincula tal processo ao advento da manufatura e da produção de mercadorias, mas é, evidentemente com o impulso da indústria moderna que esse empobrecimento atinge seu ápice.

A experiência perdida que Benjamin procura (e cuja rememoração encontra em Baudelaire) é a de uma sociedade sem classes, vivendo em estado de harmonia edênica com a natureza – experiência que desapareceu na civilização moderna, industrial e capitalista – cuja herança deve ser “salva” pela utopia socialista. Para Benjamin, a abolição da exploração do homem pelo homem está estreitamente ligada ao fim da exploração da natureza pelo homem. Nesse sentido, o “trabalho apaixonado” de Fourier, pela transformação do jogo em um modelo de trabalho não explorado e não explorador, parece-lhe capaz de criar um mundo novo, onde a ação seria, enfim, irmã do sonho.

Isso, no entanto, não quer dizer que Benjamin proponha um retorno a uma era primitiva qualquer (real ou imaginária). Ao contrário, ele afirma que a transformação do trabalho em jogo pressupõe forças produtivas altamente desenvolvidas que, apenas hoje, estão à disposição da humanidade. Sua proposta é tecer relações dialéticas entre o passado pré-capitalista e o futuro pós-capitalista, a harmonia arcaica e a harmonia utópica, a antiga experiência perdida e a futura experiência liberada. Essa dialética está presente no conceito de *rememoração*. Mas a rememoração, enquanto tal, é impotente para transformar o mundo: um dos grandes méritos de Baudelaire, aos olhos de Benjamin, é precisamente o reconhecimento desesperado dessa impotência. A fórmula para a superação dessa impotência está, segundo Benjamin, na interrupção do curso do mundo. É nas *Teses* que ele aponta o sujeito histórico capaz de realizar tal tarefa: é a revolução proletária que pode e deve operar a interrupção do curso do mundo.<sup>4</sup> Só ela é capaz, nutrindo-se das forças da rememoração, de restaurar a experiência perdida, de abolir o “inferno” da mercadoria, de liberar a humanidade da angústia mítica e

<sup>3</sup> Citado em LOWY, Michel. Op. cit., p. 193.

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter, “Teses sobre a Filosofia da História”. In: KOTHE, Flávio (org.), op. cit., p. 160.

os indivíduos de sua condição de "autômatos".<sup>5</sup>

A crítica benjaminiana do progresso assume importância especial se a situarmos no contexto da tradição marxista. Isto porque a abordagem crítica do progresso técnico tem sido a tendência dominante no marxismo desde o fim do século XIX. A própria visão de Marx a esse respeito foi mais lúcida: pode-se encontrar em seus textos uma tentativa no sentido de uma compreensão dialética das antinomias do progresso. É verdade que, em alguns de seus trabalhos, a ênfase principal incide sobre o papel historicamente progressista do capitalismo industrial e seu desenvolvimento técnico. No entanto, não faltam também claras referências às conseqüências negativas da tecnologia industrial: devido ao uso da maquinaria, o trabalho perdeu todo caráter individual e, portanto, todo encanto para o trabalhador. Embora Marx ressalte a importância histórica do capital no processo civilizatório, não duvida, de modo algum, de que a tecnologia capitalista significa degradação e intensificação do trabalho. Em *O Capital*, o lado sombrio da tecnologia industrial é enfatizado: a maquinaria transforma o trabalho nas fábricas em "um tipo de tortura", uma "rotina miserável de intermináveis tarefas e labutas nas quais o mesmo processo mecânico se repete reiteradamente como o trabalho de Sísifo".<sup>6</sup> Embora Marx esteja longe de ser um romântico, ele recorre freqüentemente à crítica romântica da civilização e da tecnologia capitalistas; no entanto, ao contrário dos economistas românticos, Marx não critica a tecnologia em si, mas apenas o seu uso capitalista. Portanto, parece supor uma outra forma de utilização da estrutura industrial-tecnológica numa sociedade pós-capitalista ou socialista, conferindo a ela o caráter de um instrumento neutro.<sup>7</sup>

Benjamin nunca tratou sistematicamente dos problemas da tecnologia moderna, mas pode-se extrair de seus escritos algumas

intuições importantes que o singularizam como um dos primeiros pensadores marxistas a abordar essas questões com espírito crítico. Rejeitando os axiomas semi-positivistas e ingenuamente otimistas das correntes dominantes do marxismo, chamou a atenção para os perigos inerentes aos padrões vigentes do progresso técnico. Seu duplo protesto – contra o progresso técnico em armamentos e contra a destruição da natureza – tem um tom profético e uma grande atualidade em nossos dias.

As raízes da atitude de Benjamin face à tecnologia podem ser encontradas na tradição romântica. Esta criticava a civilização, entendida como o progresso material sem alma ligado ao desenvolvimento técnico e científico, a racionalidade burocrática e a quantificação da vida social, em nome da cultura, o corpo orgânico dos valores morais, culturais e religiosos. A crítica dos românticos se dirige, sobretudo, às conseqüências da maquinaria, da divisão do trabalho e da produção de bens, retomando com nostalgia o modo de vida pré-capitalista e pré-industrial. Embora muito desse anticapitalismo fosse de cunho conservador e reacionário, existia também uma forte tendência potencialmente revolucionária: os revolucionários românticos criticavam a ordem burguesa-industrial em nome de valores do passado, mas suas esperanças eram orientadas para uma utopia pós-capitalista e socialista.<sup>8</sup>

Inicialmente influenciado por esta crítica romântica à sociedade capitalista burguesa, na década de 20 Benjamin aproxima-se cada vez mais do marxismo e torna-se simpatizante do movimento comunista. Sua crítica adquire, então, um caráter mais político e específico. Chama a atenção para o uso da moderna tecnologia a serviço do "militarismo internacional" e interpreta o problema do desenvolvimento da técnica em termos de luta de classes: a abolição da burguesia deve ser completada antes que advenha a "catástrofe". Lembre-se, porém, que Benjamin não concebe a revolução proletária como resultado

<sup>5</sup> BENJAMIN, Walter, *idem*, p. 153.

<sup>6</sup> LOWY, Michel, *op. cit.*, p.204.

<sup>7</sup> Herbert Marcuse, em seu *O homem unidimensional*, cap. 6, faz a crítica dessa posição de Marx a respeito da tecnologia.

<sup>8</sup> LOWY, Michel, *op. cit.*, pp. 206-207.

"natural" ou "inevitável" do progresso econômico e técnico, mas como a interrupção crítica de uma evolução dirigida para a catástrofe.

Benjamin se torna cada vez mais consciente de que suas idéias críticas sobre a tecnologia são radicalmente opostas à abordagem otimista e ingênua, tão característica do pensamento dominante no movimento operário – em especial a concepção evolucionista e darwinista<sup>9</sup> adotada pela social-democracia desde o final do século XIX. Critica a identificação positivista da tecnologia com a ciência natural: a tecnologia não é, para ele, puramente um fato científico, mas também um *fato histórico*, o qual, na sociedade atual, é determinado pelo modo de produção capitalista. O positivismo social-democrata parecia ignorar que, na sociedade burguesa, a tecnologia serve principalmente para a produção de mercadorias e para a guerra. Essa atitude ingênua impediu os teóricos socialistas de perceber o lado destrutivo do desenvolvimento tecnológico e suas conseqüências socialmente negativas. Benjamin, portanto, opõe sua perspectiva pessimista-revolucionária ao otimismo superficial dos marxistas (tanto a social-democracia quanto o marxismo vulgar) de então, e a vincula aos prognósticos de Marx sobre o desenvolvimento bárbaro do capitalismo.

Porém, a crítica de Benjamin ao positivismo do "marxismo vulgar" é mais ampla, questionando sua compreensão global da tecnologia: o desenvolvimento técnico é tomado, pelo marxismo vulgar, como o sentido no qual deveria nadar a classe operária. O que está implícito neste raciocínio de "nadar a favor da correnteza" é a pressuposição de que o progresso técnico em si esteja conduzindo, inevitavelmente, para o socialismo pela colocação das bases econômicas para uma nova ordem social e a

crença de que o proletariado tenha apenas que tomar em suas mãos o sistema técnico existente (capitalista) e desenvolvê-lo mais ainda.

Para Benjamin, a crítica da tecnologia deve ser mais profunda: é o próprio axioma da *dominação* sobre a natureza, ou sua *exploração* pela tecnologia que é inaceitável. De acordo com a concepção positivista, a natureza está simplesmente disponível para sua instrumentalização pelo homem; ela é reduzida a mercadoria e percebida apenas sob o ponto de vista de seu valor de troca, existindo para ser explorada pela humanidade.

Talvez Benjamin possa ser criticado por oferecer imagens, utopias e alegorias em lugar de análises concretas e "científicas" da tecnologia moderna e de suas possíveis conseqüências. Entretanto, não se pode negar sua importância como precursor das idéias que movem alguns dos mais importantes movimentos sociais da atualidade (como os movimentos ecológico e pacifista). Além disso, Benjamin também foi fundamental pelas suas percepções críticas dos perigos e danos da tecnologia industrial capitalista, através das quais renovou o pensamento marxista e abriu caminho para as futuras reflexões da Escola de Frankfurt.

#### Referências bibliográficas:

- [1] BENJAMIN, A., OSBORNE, P. A filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- [2] KOTHE, Flávio R. (org.). Walter Benjamin. São Paulo: Ática, 1991.
- [3] LÖWY, Michel. Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Benjamin. São Paulo: Perspectiva, EDUSP, 1990.
- [4] MATOS, Olgária C. F. Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia, e a revolução. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- [5] ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>9</sup> COMAY, Rebecca. "O fim de partida de Benjamin". In: BENJAMIN, Andrew e Osborne, Peter (orgs.), *A filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência*, p. 268.